

“No sentido metafórico as crianças são as maiores ouvintes da realidade que as cerca. Elas possuem tempo de escutar, que não é apenas o tempo para escutar, mas o tempo rarefeito, curioso, suspenso, generoso – um tempo cheio de espera e expectativa. As crianças escutam a vida em todas as suas formas e cores, e escutam os outros” (Loris Malaguzzi).

OS BEBÊS, SEUS ENCONTROS, ESCUTAS E SENSAÇÕES

O relato apresentado é resultado de uma ação educativa realizada com bebês do grupo O1, do Centro Municipal de Educação Infantil Almir Oliveira, instituição situada em Salvador-Ba, que acolhe crianças entre 01 e 03 anos de idade. O Centro funciona de segunda-feira a sexta-feira, em período integral e, através do diálogo e da escuta atenta e sensível, visa oportunizar um ambiente que provoque e convoque as crianças, a viver uma infância plena e feliz. Acreditamos, em uma cultura da infância, que respeite e compreenda o jeito peculiar de cada criança de ser e estar no mundo, a partir das interações que estabelecem com outras pessoas, com os objetos, com os elementos e com o meio em que vivem. Assim, o cotidiano das crianças no Centro Municipal de Educação Almir Oliveira, é marcado por uma pluralidade de elementos e instrumentos capazes de instigar a escuta, a curiosidade, a autonomia, o protagonismo, potencializar as aprendizagens e ampliar as experiências sociais de cada uma delas.

Ao observarmos que os bebês, na citada faixa etária, revelam uma forte relação com o próprio corpo, utilizando-o para estabelecer uma comunicação com o mundo que, antecede a linguagem verbal, refletimos sobre a importância de oportunizarmos elementos que provocassem e ampliassem a sensibilidade tátil e,



consequentemente, revelassem aprendizagens repletas de significados. Sendo assim, no mês de maio de 2016, disponibilizamos, no espaço de referência do grupo 1B, uma bandeja com laranjas e limões, em suas mais variadas possibilidades e, partimos para observar, as interações e descobertas do grupo com novo material e as suas conexões em relação ao outro, ao seu próprio corpo e ao seu meio social. A escolha dos elementos justifica-se pelo

fato de fazerem parte do cotidiano das crianças e, apesar de possuírem características semelhantes, possibilitam diferenciadas sensações, não apenas orais, mas olfativas, visuais, táteis e sinestésicas, assim:

As crianças pequenas revelam [...] uma sensibilidade perceptiva e uma competência inatas e de nível extremamente elevado – e que são polissêmicas e holísticas. Seus receptores imediatos são muito mais ativos do que virão a ser em estágios mais avançados da vida, e elas demonstram uma grande habilidade para analisar e distinguir a realidade usando os receptores sensoriais além da visão e da audição. (RINALDI, 2012, P. 154).

Ao iniciarmos a ação educativa, espontaneamente, cada criança aproximou-se do material, realizando peculiares experimentações. Desta forma, além do



cuidado ao selecionarmos os elementos, é importante ressaltar, a relevância de sua prévia estruturação, visto que, a organização do espaço e os desafios possibilitados através dos materiais oportunizados, estimulam às crianças a cultivarem a criatividade, a cooperação, a investigação e a inovação. Desta forma, é fundamental refletirmos sobre a qualidade do ambiente a ser oferecido às crianças, pois ela se constitui através da versatilidade, da disposição

funcional, do conjunto de percepções sensoriais e pela capacidade de promover escolhas, relacionamentos e aprendizagens.

À medida que exploravam oralmente os elementos oportunizados, resgatavam suas memórias relativas aos sabores experimentados, evidenciadas, através das suas expressões corporais e faciais. As crianças realizaram as mais diversas experimentações, identificando as diferenças dos sabores existentes entre a laranja e o limão, selecionando-os conforme as suas preferências e, de acordo com Ceppi e Zini (2013), estabelecendo relações de simpatia, antipatia e indiferença. Ainda de acordo com os mesmos autores:

Preferências por cor, toque, odores e iluminação variam de indivíduo para indivíduo, e são altamente influenciadas por diferenças subjetivas que não podem ser atribuídas a valores-padrão comuns a todos. Portanto, o ambiente deve ser visto como um local multissensorial, não apenas por ser rico em estímulos, mas por ser rico em valores sensoriais diversos para que cada indivíduo possa adquirir consciência de suas próprias características de recepção. Em outras palavras, soluções padronizadas não podem ser utilizadas para todos (CEPPI e ZINI, 2013, p.25).

Em seguida, o grupo ampliou suas aprendizagens, utilizando a pele como um mediador para a construção dos saberes. Assim, percebemos que as crianças tocam, esfregam, acariciam e afagam com a integralidade do corpo, evidenciando a multiplicidade de estímulos sensoriais e nos revelando que a



percepção tátil está além de um simples contato manual. Neste momento, percebemos a mobilização dos bebês para conhecer, de maneira mais profunda e peculiar, as propriedades dos elementos. Cada criança, ao seu modo, interagiu com as frutas de acordo com suas vivências, algumas buscaram estabelecer um comparativo entre as frutas descascadas e com as cascas, revelando um

olhar atento e classificatório, assim como, se desafiaram a furar, com os dedos, laranjas descascadas, imprimindo pressão e manifestando conhecimentos sobre formas e tipos de movimentos. Observaram cada elemento, evidenciando um olhar sensível e atento, apertaram



as frutas, de modo a perceber o sumo que caía, atribuindo significados aos acontecimentos provenientes das suas ações e, ainda, revelaram o inédito, visto que, ao sentirem o frescor do limão, na própria pele, expressavam uma sensação de prazer. Diante do exposto, dialogamos com as ideias de Falk (2011, p. 27) ao afirmar que a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimento superior daquela que recebe a solução pronta.

Sendo assim, além da importância do protagonismo infantil, durante uma ação educativa, é imprescindível enfatizar que os bebês são investigadores natos, visto que, mostram-se capazes de observar, sentir, experimentar, compartilhar e revelar uma constante abertura às novas descobertas. Ao longo da atividade,



as crianças tendem a ter interações individuais, revela a importância das significativas interações que são construídas em um espaço coletivo e educativo. Durante as vivências das crianças, no CMEI Almir Oliveira, é natural sentirmos o encantamento, a alegria, a espontaneidade, a curiosidade, o acolhimento, a escuta sensível, o toque cuidadoso e olhar convidativo, elementos

fundamentais e característicos de uma infância plena e feliz.

Ao falarmos sobre a curiosidade, como um dos principais pontos para a experimentação, pesquisa e inovação, rompemos com a tradicional imagem da criança incompleta, incapaz, fraca e totalmente dependente do adulto. Em um determinado momento da investigação, foi notório percebermos como o bebê



explora seu pensamento de forma livre e significativa. Gradativamente, enquanto um grupo realizava experimentos corporais, de maneira coletiva, havia crianças que, exploravam as possibilidades de cada elemento e revelavam conhecimentos relativos à comparação e identificação de atributos diversificados. Desta forma, refletindo em conformidade com as ideias de CEPPI e ZINI (2013, p. 26) podemos afirmar que a criança

desempenha um papel dinâmico e realiza uma função organizacional na

cognição e, ao interagir com a realidade, a constrói e desconstrói, realiza transformações e cria conexões com os elementos que surgem no processo de aprendizagem. O bebê é um ser competente, mostrando-se capaz de explorar as características e propriedades de um elemento, revelando todo o seu potencial investigativo. Assim, dialogando com as ideias de Bruner (1997) podemos afirmar que a descoberta é a chave do processo educativo e inata à própria criança, cabendo ao adulto criar e oportunizar condições para que ela possa se revelar.

Nesse sentido, é importante enfatizar o papel do professor como um mediador atento ao potencial das crianças e capaz de refletir e documentar, as experiências reveladas, durante suas interações com elas e demais pessoas que integram a comunidade escolar. Sendo assim, alguns elementos tornam-se imprescindíveis durante a prática pedagógica, dentre eles, podemos destacar a escuta sensível, a observação atenta, o acolhimento, a reciprocidade entre teoria e prática, assim como, a cuidadosa seleção de elementos para uma ação educativa que, respeite e não sobreponha à atuação das crianças. Ampliando essa ideia, destaca-se o pensamento de Albano (2007, p. 08) no prefácio do livro Holm, quando afirma que a atenção da professora deve estar voltada para a ação das crianças: para onde olham, como olham, qual é o tempo do seu olhar, como exploram os materiais, como interagem entre elas e com os adultos.

Ao longo deste processo de projeção, os diálogos entre as educadoras eram constantemente revisitados e reformulados, face a pluralidade de entrelaçamentos e conexões criados pelos bebês, durante a ação educativa. Assim, refletimos sobre as características do ambiente, visto que, além assegurar a integridade física das crianças, pudesse favorecer suas livres explorações. Soma-se a essa ideia, a importância de nos despirmos de conceitos pré-concebidos sobre os elementos apresentados, visto que as crianças, sem nenhuma intervenção/orientação direta da educadora, levantaram suas hipóteses, testaram, compartilharam e evidenciaram suas descobertas.

Ao final da ação educativa e, após observar as interações das crianças, suscitaram-se distintas reflexões, dentre elas: como construímos os conceitos de azedo/doce/cítrico/áspero/líquido?, como os nossos sentidos podem apoiar

e potencializar múltiplas descobertas e aprendizagens? e, de que forma, a livre exploração, dos elementos oportunizados, pode favorecer e ampliar as experiências cotidianas cada criança?. Aqui surge um aspecto particular e que revela que as perspectivas do professor não devem ser rígidas e nem definitivas, mas encaradas como um princípio orientador, no qual, dúvidas e questionamentos, integram o contexto educativo e promovem uma liberdade didática, para os bebês e educadores.

A partir das ideias descritas anteriormente, podemos afirmar que a escola deve ser um ambiente que convoque as crianças para atuarem no mundo, de maneira autônoma, criativa e colaborativa. Desse modo, tornar visível a aprendizagem das crianças é respeitar sua integralidade, seu modo de pensar, suas formas de inventar, compreender suas alegrias e todas as suas fantasias.

Aline Dayane Lima
Cátia Simone Pena
Gabriela Moreira

REFERÊNCIAS

- BRUNER, J. La educación, puerta de la cultura. Madrid: Aprendizaje Visor, 1997.
- CEPPI, G; ZINI, M. (org). Crianças, espaços e relações. Como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013.
- EDWARDS, Carolyn. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância/ Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman; tradução Dayse Batista. – Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FALK, Judit. Educar os três primeiros anos. A experiência de Lóczy. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2011.
- FOCHI, Paulo. Afinal, o que os bebês fazem no berçário? : comunicação,

autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

- HOLM, A. M. Baby-art: os primeiros passos com a arte. São Paulo: MAM, 2007.

- RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.